



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Reche Ontillera, Alberto; Souza, Guilherme Queiroz de; Vianna, Luciano José (Eds.).

Isabela Dias de Albuquerque¹

Gesta Herwardi Saxonis:

o exílio na literatura medieval inglesa

Gesta Herwardi Saxonis: exile in medieval English literature

Resumo:

O exílio é um tema bastante presente na produção literária inglesa. Apartar-se da comunidade representa não só o rompimento dos laços sociais, mas também a transformação de um mero personagem em herói. Nosso artigo tem como proposta analisar a temática do exílio na figura de Hereward, a partir da *Gesta Herwardi Saxonis*, produzida no século XII, cujo contexto trata do estabelecimento da monarquia normanda na Inglaterra.

Palavras-chave:

Hereward; exílio; Inglaterra normanda.

Abstract:

Exile is a frequent theme in medieval English literature. In this literary genre to leave a community not only represented breaking with the social bounds but also the transformation of an ordinary character into a hero. It is the aim of this article to analyze the theme of exile through the figure of Hereward in the twelve-century *Gesta Herwardi Saxonis*, which context approaches the Norman monarchy establishment in the island.

Keywords:

Hereward; exile; Norman England.

¹ Doutoranda em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Integrante do Brathair e do NEVE (Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos).

1. *Gesta Herwardi Saxonis*: manuscritos, autoria e objetivos

Traduzida para o inglês moderno como *The Deeds of Hereward*, a obra latina *Gesta Herwardi Saxonis* foi provavelmente escrita em meados do século XII. Embora costume-se especular sua autoria a Richard de Ely, não podemos afirmar com segurança que este foi o responsável pela obra (Roffe, 1994: 07). O único manuscrito sobrevivente, datado do século XIII, pertenceu a Robert Swaffham, oficial da abadia de Peterborough, a qual também aparece vinculada ao herói, como veremos mais adiante. Hoje em dia, o manuscrito se encontra no *Cambridge University Library Manuscripts Department* (Swanton, 2005: 30).

Apesar de escrita em prosa e em latim, a *gesta* enquanto um gênero era normalmente adotada em versos e em língua vernacular. Derivada da palavra da forma latina *res gestae*, denota os feitos, em particular os mais memoráveis e, conseqüentemente, aqueles que merecem sua reprodução na narrativa (Reichl, 2003: 64) No caso de nossa narrativa, os feitos memoráveis correspondem àqueles supostamente realizados por um guerreiro de origem inglesa, no atual condado de Lincolnshire, que passa um período exilado e retorna à Inglaterra em meio ao domínio normando.

Boa parte da narrativa apresenta aspectos ficcionais, sobretudo no que diz respeito à infância e juventude, a fim de que possam corresponder ao padrão do que se esperava de um herói. Logo no primeiro capítulo da narrativa, Hereward é identificado como filho de Leofric de Bourne e de Eadgyth, da linhagem do duque Oslac, da Northumbria (Swanton, 2005: 93).

A tessitura da narrativa passa pela construção de Hereward enquanto um herói. Tal fato trata-se de um processo consciente do autor da narrativa e não fruto do acaso. O objetivo não é meramente entreter o público que lerá ou ouvirá a história, mas também fazer com que qualquer episódio que não mereça ser lembrado, seja esquecido ou relido, de uma perspectiva diferente (Thomas, 1999: 118). Para tanto, é importante lembramos que a função da escrita no período medieval é muito mais do que simplesmente entreter, mas também passa pelo seu caráter pedagógico ou passar alguma espécie de saber, a fim de que não fosse perdido.

A produção da *Gesta Herwardi* está vinculada a duas abadias da região: Ely e Peterborough. Segundo a narrativa, após retornar de seu exílio, nosso personagem, juntamente com outros partidários, centra sua resistência em Ely. À essa época, Ely era realmente uma ilha, cercada por todos os lados de rios

profundos ou por pântanos, com seu monastério justamente no ponto mais alto da ilha (Rex, 2010: 123)

2. Hereward: fato ou ficção?

Se Hereward existiu ou não, até hoje, não se tem como afirmar, mesmo havendo uma documentação consideravelmente diversificada na qual nosso personagem é mencionado, que vão desde fontes narrativas até registros de levantamento de propriedades. Dentre esta documentação, podemos citar *The Domesday Book*², *Estoire des Engleis* (1142), escrito pelo cronista normando Geoffrei Gaimar, e *Liber Eliensis*³, provavelmente produzido na primeira metade do século XII. Entretanto, há algumas divergências com relação à pertença da propriedade e ao parentesco nas documentações citadas acima, visto que não convergem nestas informações.

No *Domesday Book*, por exemplo, Hereward não era senhor de Bourne, uma região importante em Lincolnshire, mas detinha apenas porções de terra entre as abadias de Crowland e Peterborough (Roffe, 1994: 09). Hereward também aparece nas *Crônicas Anglo-Saxãs*, nas versões D e E. Nesta, o guerreiro saxão é apresentado como “um dos homens de Ely”, enquanto naquela, provavelmente produzida em York, Hereward aparece dentre os guerreiros e clérigos que não aceitaram se render aos homens do rei Guilherme I, no momento em que a abadia de Peterborough foi cercada (Swanton, 2000: 204). O fato de não especificarem quem era Hereward, mas não deixar de citá-lo aponta que ele era provavelmente conhecido ou até mesmo possuía alguma fama na região.

O fato de Hereward ser citados por fontes distintas, que não possuem necessariamente conexões entre si, nos oferece suporte para pensar que ele tenha de fato existido. Essas referências ao guerreiro de origem anglo-escandinava nos levam a crer que o personagem não seja fruto apenas de uma narrativa ficcional. Todavia, apesar de nossa breve discussão acerca da historicidade de Hereward, este não é o objetivo de nosso artigo.

² De acordo com a descrição de *The Anglo-Saxon Chronicles*, o *Domesday* tratava-se de um levantamento de todas as propriedades na Inglaterra divididas em duas partes: uma ligada às terras do rei e seus direitos, a outra um registro das terras destinadas aos arcebispos, bispos, abades, dentre outros membros da nobreza. A ideia era se ter um controle de quem ocupava as terras na Inglaterra (Lapidge, Blair, Keynes, Scragg, 2008: 143).

³ Traduzido para o inglês como *Book of Ely*, o livro narra os principais acontecimentos relativos à abadia do século VII ao XII.

A *Gesta Herwardi* é o relato em que achamos mais detalhes sobre o personagem. Encontrada na abadia de Peterborough, no atual condado de Lincolnshire, no sudeste da Inglaterra, os elementos de intertextualidade presentes entre a ela e *Liber Eliensis* sugere que as informações sobre Hereward foram retiradas do segundo documento. Tal fato deve-se não só pela proximidade entre as duas fontes, mas também por Richard de Ely ser atribuído como o autor de ambas as narrativas (Hayward, 1988: 293).

Embora não tenha sido muito trabalhada enquanto um documento histórico, a *Gesta* é uma fonte bastante interessante. A narrativa é difícil de ser identificada dentro de um gênero específico e, em função disso, abordam-na sobre diversas perspectivas e influências, que vão desde as sagas nórdicas até as hagiografias (Thomas, 1999: 216). Esse amálgama de tradições só vem a enriquecer essa documentação, que fica no limbo entre o contexto da chegada dos normandos e um guerreiro do século XI – que está mais próximo da representação de um cavaleiro do século XII – dotado de muitos atributos.

Por muitas vezes, Hereward foi visto como um foco da resistência inglesa contra o domínio normando, a luta contra o elemento exógeno e invasor. Contudo essa interpretação já não é a mais aceita. David Carpenter, professor do King's College, em Londres, afirma que a *Gesta* não sugere que os ingleses deviam se rebelar contra os normandos, mas que deveriam ocupar um lugar honrado no novo Estado criado, com a possibilidade, inclusive, de manterem suas propriedades (Carpenter, 2004: 04). Um exemplo bem consistente disso, é que, ao final da *Gesta*, Hereward reconcilia-se com Guilherme I e consegue, além do perdão do rei, reaver seu patrimônio perdido.

Mesmo não sendo uma resistência inglesa frente ao domínio normando, a *Gesta* é uma exaltação dos valores ingleses, com o personagem como representação dos ingleses. Hereward é constantemente lembrado por suas qualidades no combate, como guerreiro, estrategista, e também por seus atributos físicos. Os capítulos iniciais são os que mais destacam as qualidades do guerreiro e as que mais aparecem são: coragem, vigor físico, força de espírito e generosidade.

É importante ressaltarmos que a vitória dos normandos normalmente foi atribuída ao despreparo dos ingleses na guerra, principalmente no que diz respeito ao combate a cavalo. O fato de o exército inglês ter sido derrotado pelo normando não traduz, de fato, uma inferioridade, pois, uma guerra não está expressa apenas em questões de equipamentos. Além do mais, há imagem muito comum em alguns círculos acadêmicos de que o exército inglês era

despreparado, composto por camponeses armados com pedaços de pau, sabemos hoje que é bastante errada (Garnett, 2000: 96).

Até a chegada dos normandos, a experiência dos ingleses em guerras e combates estava restrita a lutas travadas contra galeses e escandinavos, ambos sem tradição no combate a cavalo. Portanto, se os ingleses não desenvolveram uma cavalaria pesada foi simplesmente porque não precisaram fazê-lo, pois apenas *housecarls*⁴ e *thegns*⁵ supriam as necessidades de defesa (Wood, 2008: 109).

Cabe lembrar, ainda, que, a maior parte dos cronistas que escrevem sobre a Inglaterra – Henrique de Huntingdon, Guilherme de Malmesbury, por exemplo –, após o ano de 1066, atribuiu em seus discursos a vitória normanda à inferioridade inglesa em combate.

3. O estabelecimento dos normandos na ilha

Oriundos de grupos escandinavos que se estabelecem no norte da França por volta de 911, os normandos conquistam a Inglaterra no ano de 1066, com Guilherme, duque da Normandia, conhecido também como o Bastardo.⁶

Não havia monarquia hereditária estabelecida e consolidada em meados do século XI na Inglaterra. O acesso ao trono ocorria a partir de uma monarquia eletiva, na qual as questões a serem levadas em conta eram: sangue real, nomeação pelo rei anterior, a eleição do *Witan* (conselho de nobres) e a habilidade para defender o reino (Wood, 2008: 33).

⁴ De tradição escandinava, era uma espécie de cavalaria, mas não era largamente utilizada e não havia códigos de conduta como no final do século XII (Miller, 2008: 243).

⁵ Literalmente “aquele que serve”. Pessoa que por uma combinação de atributos encontra-se num estrato social mais alto. Poderia ser descrito como alguém da nobreza, da aristocracia ligada a terra. Os *thegns* possuíam relações sociais importantes, sendo senhores de terra, dos quais se esperava também que prestassem serviços militares e administrativos. Alguns deles poderiam ter uma posição especial dentre seus pares na “corte” do rei (Lapidge, Blair, Keynes, Scragg, 2008: 445).

⁶ Não nos alongaremos acerca da discussão sobre os normandos. Para maiores referências, ver (Neveux, 2008).

Após a morte de Eduardo, o Confessor, sem deixar herdeiros, Guilherme não era o único candidato ao trono da Inglaterra. Além dele, Harald Hardrada, rei da Noruega, Swein Strithison e Harold Godwinson também pleiteavam a coroa. As reivindicações de Harald Hardrada e Swein Strithison estavam ambas ligadas ao contexto das ocupações escandinavas na Inglaterra, desde o século IX. Swein era filho da irmã de Canuto, rei de Dinamarca e Noruega e da Inglaterra entre os anos de 1016 e 1035. Harald Hardrada deixou a disputa pelo trono logo em seguida e preferiu investir na luta contra Swein Strithison pelo trono da Dinamarca, restando apenas Harold Godwinson e Guilherme da Normandia (Wood, 2008: 34).

O duque normando reivindicava o trono inglês alegando parentesco com Eduardo, o Confessor, por parte de sua tia-avó, Emma. Com a invasão de 1016 de Canuto da Dinamarca, Eduardo foi obrigado a deixar a Inglaterra, passando a maior parte de seu exílio na Normandia, retornando à ilha apenas no ano de 1042. Outro fator interessante é uma suposta promessa que Eduardo teria feito a Guilherme teria sido em uma visita do rei à Normandia, no ano de 1051 de que ele o sucederia no trono da Inglaterra (Garnet, 2000: 63).

Tendo sido verdade essa promessa ou não, após a vitória decisiva dos normandos em outubro de 1066, em Hastings, Guilherme foi coroado no Natal do mesmo ano, na abadia de Westminster, e nesses dois meses subsequentes não houve quem, de fato, questionasse sua autoridade e sua posição enquanto governante. A Inglaterra nessa época era bastante amalgamada: os reinos tipicamente ingleses ao sul – de origem anglo-saxã –, as áreas influenciadas pelos escandinavos, a *Danelaw*, e a mais distante e afastada Northumbria.

Contudo, uma vitória militar apenas não garantiria uma coroa segura para os normandos. A fim de assegurar sua governabilidade, Guilherme fez alianças com os *earls* e com os bispos, cujas sés situavam-se em regiões estratégicas: a aliança com Edwine, de Mercia, e Morcar, de Northumbria; o arcebispo de York, Ealdred, e o de Worcester Wulfstan, juntamente com os representantes da cidade de Londres (Barlow, 1999: 43). Dessa forma, o novo rei buscava novas alianças que lhe garantissem sua permanência no trono e afastada de quaisquer problemas de legitimidade.

A forma como os ingleses eclesiásticos e leigos poderiam manter suas propriedades era aceitando e reconhecendo Guilherme como legítimo rei da Inglaterra. Aqueles que morreram em batalha escolheram o exílio ou haviam sido considerados fora da lei não estavam aptos para pleitear suas terras e essas

acabaram por ser destinadas a recompensar os nobres normandos que acompanharam Guilherme na conquista da Inglaterra (Rex, 2010: 43).

Mesmo com as alianças e acordos firmados, essa suposta garantia não impediu também que algumas rebeliões contra o domínio normando estourassem por diversas regiões da Inglaterra. As revoltas entre os anos de 1067-71 representaram, na visão de Barlow, a ruína da aristocracia inglesa, em relação ao prestígio e ao patrimônio de outrora, agora nas mãos da nobreza normanda. Os ingleses, no entanto, possuíam sua importância para essa nova ordem que se instaurava e uma delas era a de prover mulheres para serem esposas dessa nova aristocracia anglo-normanda que se formava (Barlow, 1999: 75). Mulheres nobres de origem anglo-escandinava casavam-se com homens de origem normanda, fazendo emergir uma nova cultura inglesa desse processo.⁷

A região de Lincolnshire fazia parte da antiga área de influência escandinava, formada a partir do século IX, a *Danelaw*. Mesmo após quatro anos com os normandos governando a ilha, a região ainda apresentava problemas para o rei. Como Guilherme I não era o único candidato ao trono da Inglaterra, de acordo com a *ASC*, o ano de 1070 foi marcado por uma nova chegada do rei Swein, da Dinamarca. Tendo sido bem recebido pelos ingleses da região Swein volta reivindicar o trono e ocupa as *midlands*, onde foi apoiado por se tratar de uma região em que predominavam assentamentos de origem escandinava e Ely era uma dessas regiões. Mesmo após Swein deixar a ilha, as rebeliões em Ely continuaram, embora não com a mesma intensidade.

Com medo de que a situação se agravasse e a fim de evitar futuros transtornos, Guilherme escolhe um novo abade, um normando de nome Tuold, acompanhado de cavaleiros, para tomar a frente de abadia de Ely (Rex, 2010: 121).

4. O herói e o exílio

Hereward, segundo a narrativa trabalhada, foi um guerreiro exilado, tornando-se assim um *outlaw*. Para tanto, cabe ressaltarmos que a temática do *exílio e retorno* é algo bastante recorrente nos romances insulares, sobretudo no período anglo-normando (Field, 2005: 41). Ambas as palavras – *exílio* e *outlaw* –

⁷ Para maiores informações sobre o casamento entre anglo-saxões e normandos consultar (DeAragon, Ragen, 1998: 258-267).

estão intimamente ligadas: *útlagi* seria a forma, em *nórdico antigo*,⁸ introduzida em regiões de antigos assentamentos escandinavos, de *exulis*, a versão latina (Swanton, 2005: 31). De acordo com a análise de Swanton, para os séculos XI/XII, essas palavras apresentavam um sentido muito próximo.

O exílio não é apenas uma alusão metafórica ou um impulso narrativo que dá ânimo à história e auxiliando-a em sua composição. Ele representa também a desgraça, apartar-se da comunidade, num momento em que não existe um Estado que auxilie nas dificuldades. O exílio era, portanto, um rompimento dos laços e das relações interpessoais (Ashe, 2006: 302). Considerando que na sociedade feudal, as relações de dependência pessoal, tanto verticais quanto horizontais eram fundamentais para a garantia da sobrevivência do indivíduo caso precisasse de ajuda, apartar-se desta era estar posto, no mínimo, a situações de perigo.

Sobre o exílio ainda, Diane Speed afirma que é uma forma de amadurecimento do personagem, onde ele passa por situações de perigo e parte para suas aventuras. A fim de atingir à maturidade, o protagonista deve se afastar da realidade tal qual conhece e das situações que lhe são confortáveis (Field, 2005: 42) e neste caso o exílio aparece como o que torna isso possível. Ao deixar sua comunidade, as pessoas que lhe eram caras e o espaço pelo qual normalmente circulava, o personagem era impelido a viver situações que até então lhe eram desconhecidas e a partir de cada dificuldade vencida o amadurecimento do jovem vai sendo construído.

Outro ponto importante sobre os romances insulares é a relação afetiva entre pai e filho. Sem se aproximar de como entendemos as relações de parentesco na contemporaneidade – o núcleo familiar – esta relação afetiva entre pai e filho estava traduzida muitas vezes no patrimônio perdido (Field, 2005: 47). O assassinato do pai seguido pela propriedade lesada, normalmente, eram fruto da ação de um usurpador e sua presença nos romances insulares é uma marca recorrente. A motivação para a ação do personagem, neste gênero narrativo, não reside na busca por vingança, mas na tentativa de retomar o patrimônio perdido, reconhecido, por direito, como seu.

Como já mencionamos anteriormente, é difícil encaixarmos a *Gesta Herwardi* em um gênero narrativo específico e, apesar de nos utilizarmos muitas vezes de referências aos romances insulares, como Havelok (1190-

⁸ Forma aportuguesada de *Old Norse*, língua germânica falada pela maioria dos habitantes das Escandinávia a partir do século VII e, portanto, adotada pelos *vikings*. A partir do século X, entretanto, dividiu-se em outros dialetos, como islandês antigo (*Old Icelandic*) e norueguês antigo (*Old Norwegian*), por exemplo (Bibire, 2008: 344-345).

1220) ou Romance of Horn (c. 1170), esse modelo proposto nem sempre corresponde à nossa narrativa. Sobre o tema das narrativas insulares nas quais o exílio aparece, Field traça o seguinte fio narrativo:

It opens with the male protagonist as a young boy. The initial stasis is broken by a violent crisis in which the father is killed. The boy, now heir to his father's lands, is exiled across the water by the usurper, often after a cruel treatment. In exile, disguised or otherwise deprived of his identity, he is often in danger as he reaches maturity. Aided by friends and/or love, he may become a leader in his new land. He returns – across the water – often with an army. He finds welcoming party, often hidden allies from his father's generation. He defeats and kills the usurper, thus avenging his father's death. He regains the lands to general acclaim and establishes a dynasty (Field, 2005: 42).⁹

5. O exílio na *Gesta Herwardi Saxonis*

Mesmo em não se tratando a *Gesta stricto sensu* de um romance, a alusão a estes é importante principalmente porque a narrativa apresenta algumas semelhanças com estes romances, dentre elas, a construção da figura do herói, as aventuras pelas quais o protagonista de nossa história passa e, sobretudo, seu amadurecimento ao longo da narrativa. Entretanto, em nossa narrativa o motivo do exílio de Hereward é bastante distinto de outros romances insulares como Havelok, por exemplo.

Logo no primeiro capítulo, o autor nos contempla com uma série de adjetivos acerca de Hereward, em sua maioria positivos. Sua graça, seu vigor físico, sua coragem, força de espírito e sua generosidade são destacados. Contudo, Hereward também se envolvia constantemente em brigas e desavenças.

⁹ “A abertura é com o protagonista ainda garoto. O estado inicial deflagra-se a partir de uma crise violenta, na qual o pai é morto. O garoto, agora herdeiro das terras de seu pai, é exilado pela água pelo usurpador, geralmente, após um tratamento cruel. No exílio, disfarçado ou privado de sua identidade, ele costuma estar em perigo, à medida que vai atingindo a maturidade. Juntamente com amigos e/ou um amor, ele pode ser tornar um líder em sua nova terra. Ele retorna – pela água – geralmente com um exército. Ele encontra partidários, normalmente aliados escondidos do tempo de seu pai. Ele derrota e mata o usurpador, vingando a morte de seu pai. Ele recupera a terra por aclamação geral e estabelece uma dinastia” (Tradução livre).

In the meantime he spared nobody whom he thought to be in any way a rival in courage or in fighting. In consequence he often caused strife among the populace and commotion among the common people. As a result of this he made his parents hostile towards him; for because of his deeds of courage and boldness they found themselves quarreling with their friends and neighbors every day, and almost daily having to protect their son with drawn swords and weapons when he returned from sport or from fighting, from the local inhabitants who acted like enemies and tyrants because of him. [...] but when his father went visiting his estates, Hereward and his gang often got there first, distributing his father goods amongst his own friends and supporters [...]. And so his father ensured that he was banished from his homeland by King Edward the Confessor, everything that he had perpetrated against his parents and against the inhabitants of the locality (Swanton, 2005: 41).¹⁰

Foi devido ao seu comportamento e à sua generosidade para com os menos favorecidos que decorreu o exílio. Hereward, na tentativa de afirmar sua bravura, acabava em conflitos com os moradores dos arredores de Bourne e a ajuda que direcionava aos homens que viviam nos domínios de seu pai, em especial os de baixa condição social, acabava por prejudicar os interesses de Leofrid, lesando-o. A fim de se ver livre do problema, seu pai pede ajuda a Eduardo para que seu filho seja exilado. Diferentemente de outras narrativas cujo tema perpassa o exílio, Hereward não estava sendo perseguido ou havia cometido crime algum, mas os problemas que gerou para sua família fizeram com que ela própria reivindicasse o exílio do filho.

And this being done he acquired the name of Outlaw, being driven away from his father and his native land when he was eighteen years old (Swanton, 2005: 41).¹¹

¹⁰ “Neste meio tempo ele não poupava ninguém que ele pensava estar em seu caminho, um rival em coragem ou em luta. Em consequência, ele normalmente causava briga entre a população e tumulto entre as pessoas comuns. Como resultado disso, ele fez com que seus pais se tornassem hostis em relação a ele; por causa de suas atitudes de coragem e valentia, eles [seus pais] discutiam com os amigos e vizinhos todos os dias e quase diariamente tinham que proteger seu filho com espadas tensas e armas, quando ele retornava para casa do esporte ou da luta, dos habitantes locais que agiam como inimigos e tiranos por causa dele [Hereward]. [...] mas quando seu pai foi visitar suas propriedades, Hereward e seu grupo chegaram lá primeiro, distribuindo os bens de seu pai entre os seus amigos e seus partidários [...]. E assim, seu pai assegurou-se de que fosse banido de sua terra natal pelo rei Eduardo, o Confessor, revelando tudo que ele tinha praticado contra seus pais e contras os habitantes da localidade” (Tradução livre).

¹¹ “E isso tendo sido feito, ele adquiriu o nome de fora da lei, sendo separado de seu pai e de sua terra natal quando tinha dezoito anos de idade” (Tradução livre).

De acordo com a documentação, o personagem saiu de sua terra natal Bourne aos dezoito anos e se tornou um *Outlaw*. O período em que permaneceu fora de Lincolnshire foi marcado por aventuras, torneios e combates armados. Seguindo a mesma linha de Field para os romances, Swanton considera que as aventuras de Hereward fora da Inglaterra são essenciais e importantes para moldar em nosso protagonista a personalidade do guerreiro (Swanton, 2005: 35).

A primeira aventura de Hereward, no segundo capítulo da *Gesta*, é “para além Northumbria”, provavelmente entre os escoceses, mas sem a narrativa especificar exatamente onde. Todo ano, Gisbert de Ghent, que havia acompanhado Hereward com um de seus servos quando soube do seu exílio, soltava uma fera, a fim de que os homens provassem sua coragem. Todavia, não foi permitido a Hereward lutar, pois ainda era considerado muito jovem para tal.

No dia seguinte, o urso arreventou suas correntes, quebrou as barras de sua jaula e começou a matar todos que estavam a sua frente. O urso foi em direção a onde a esposa do senhor e suas filhas estavam, juntamente com outras mulheres. Hereward antecipou-se ao urso e conseguiu matá-lo, arrancando-lhe a cabeça com sua espada.

Após esse episódio, a coragem de Hereward foi celebrada entre o senhor e sua família e com a inveja de outros cavaleiros. Como recompensa pelo seu feito, Hereward ganha o *status* de cavaleiro, mas afirma não estar preparado ainda para dizer o juramento e que deveria trabalhar ainda sua coragem e seu espírito para tal (Swanton, 2005: 42).

A sagração de Hereward enquanto cavaleiro foi realizada apenas quando o protagonista já estava na Inglaterra novamente, lutando contra os normandos.

When Hereward realized that he was the leader and lord of such men, and day-by-day saw his force growing larger with fugitives, the condemned and disinherited, he remembered that he had never girt with the belt and the sword of knighthood according to the tradition of his race. And so with two of the most eminent of his men, one named Winter and the other Gaenoch, he went to the Abbot of Peterborough called Brand, a man of very noble birth, in order that he might gird him with the sword and belt of knighthood in the English tradition [...] He received the accolade

of knighthood from the abbot on the Feast of the Nativity of the Apostles Peter and Paul (Swanton, 2005: 62-63)¹²

Sabemos que a cavalaria (*miles*) enquanto uma instituição data dos séculos XII/XIII, como um esforço dos clérigos para normatizar a violência e sistematizar a guerra e os conflitos armados (Baschet, 2006: 119). No trecho de nossa documentação, o fato de Hereward querer que o abade de Peterborough faça a ele e a seus homens cavaleiros mostra-nos a importância que esta instituição apresentava no momento em que a narrativa foi escrita, já no século XII. O *adoubement* – ou adubamento, em língua portuguesa – é uma criação tardia, certamente de finais do século XI, mas é, contudo, na segunda metade do século XII que ganha uma forma ritualizada mais consistente (Baschet, 2006: 111).

O papel da Igreja na cristianização dos valores da cavalaria demonstra mais uma vez a importância que essa instituição assume ao longo de toda a Idade Média, em seu aspecto religioso, político e ideológico. O cavaleiro, nesse período, é acima de tudo, um guerreiro cristão, sagrado pela Igreja e com o compromisso de não atacar aqueles que não podem se defender (eclesiásticos, mulheres nobres não acompanhadas, camponeses e camponesas e pobres desprotegidos em geral), bem como não guerrear em festas solenes e dias santos (Flori, 2006: 192).

Uma vez Hereward cavaleiro, o personagem está pronto e o herói enquanto tal tem sua trajetória completa. De acordo com Field, o protagonista deve atingir um nível de maturidade física e psicológica para que o processo da construção do herói esteja completo e que possa retornar à sua terra natal e reaver suas propriedades. As aventuras do personagem fora da Inglaterra não se encerram ainda por aí, subentendo-se de que haveria ainda outras situações das quais extrair aprendizado.

No capítulo quarto, Hereward vai à Irlanda, onde é recebido com honrarias pelo rei e pelo seu filho, pois já haviam ouvido falar dos feitos do

¹² “Quando Hereward percebeu que era líder e senhor de tais homens e que a cada dia sua força crescia com fugitivos, condenados e deserdados, ele lembrou que não havia sido cingido com cinto e a espada de cavaleiro, de acordo com a tradição de seu povo. E assim, com dois dos mais eminentes de seus homens, um chamado Winter e o outro Gaenoch, ele foi ao abade de Peterborough, chamado Brand, um homem de nascimento muito nobre, a fim de que ele pudesse cingi-lo com a espada e o cinto da cavalaria à maneira inglesa [...] Ele recebeu a ordenação de cavaleiro do abade na Festa da Natividade dos Apóstolos Pedro e Paulo” (Tradução livre).

jovem guerreiro. Lá o rei e seus homens pedem que ele permaneça junto deles por mais tempo, mas Hereward afirma que seu exílio já havia terminado e que ele desejava voltar à sua terra natal (Swanton, 2005: 45).

Não há qualquer referência na obra de quanto tempo seria este exílio de Hereward, mas a informação por meio dos filhos de seu tio de que seu pai já havia morrido e que sua mãe se encontrava sozinha em Bourne impelem o personagem a retornar à Inglaterra. Podemos deduzir que esta ausência de menção ao período de seu exílio, deve-se ao fato de que a morte de seu pai o leva a herdeiro legítimo das terras de Bourne e que, dessa forma, poderia retornar.

Quando, no capítulo treze, Hereward descobre que seu pai e seu irmão mais novo – o qual ele provavelmente nem sequer conhecera – estavam mortos, o protagonista não esboça reação de dor ou sofrimento pela perda de seus entes queridos. Apesar de a *Gesta* apresentar a morte do pai do personagem, a tentativa ao longo de toda a narrativa não se baseia numa busca por vingança, mas em reaver aquilo que era seu por direito e que com a chegada dos normandos lhe foi tirado, as terras de Bourne.

Para tanto, podemos perceber que o exílio-retorno passa pela relação entre pai e filho, sobretudo quando se trata de primogênitos. Todavia, a *Gesta* não se encaixa neste modelo, pois Hereward foi exilado a pedido de seu próprio pai e não por um usurpador de sua propriedade.

A *Gesta Herwardi*, portanto, possui alguns elementos narrativos que se aproximam dos estabelecidos para os romances insulares que tratam da temática do exílio, mas não segue a mesma linha destes. Os modelos, no entanto, nos ajudam a compreender como estes romances insulares se organizam e a partir deles vislumbrar elementos quais destes podemos destacar em nossa narrativa. Seja pela temática do exílio, do *outlaw* ou de uma estrutura narrativa diferente, a *Gesta* segue uma linha própria, que não se amarra às questões propostas por Field e não podendo, portanto, ser encaixado, por estas características, como um romance insular.

Considerações finais

A compreensão do exílio na *Gesta* não deve ser desvinculada de sua inserção nos moldes dos romances insulares, mesmo que não seja composta exatamente dos mesmos elementos recorrentes nestes.

O protagonista é representado como um herói inglês em meio à invasão normanda, mas não podemos afirmar que ele seja a representação ou uma incitação à resistência inglesa contra os novos estabelecidos na ilha. Ao final da narrativa, Hereward e o rei Guilherme se reconciliam, e suas terras lhe são devolvidas.

Não há na narrativa a delimitação em que período ocorreu o exílio de Hereward, mas este foi marcado por uma série de aventuras em Flandres, Cornualha, Irlanda, Gales e Escócia. Aventuras estas que foram fundamentais na construção do herói, tanto em seus atributos físicos quanto psicológicos, num processo que só se completa com a sagração do protagonista como cavaleiro, após seu retorno à Inglaterra.

Referências

Fontes

Swanton, M. (2005). The Deeds of Hereward: Introduction. In Ohlgren, T. H. *Medieval Outlaws: Twelve Tales on Modern English Translation*. West Lafayette: Parlor Press.

Bibliografia

Ashe, L. (2006). 'Exile-and-return' and English Law: The Anglo-Saxon Inheritance of Insular Romance. *Literature Compass* 3/3, 300-317.

Barlow, F. (1999). *The Feudal Kingdom of England: 1042-1216*. Harlow: Longman.

Baschet, J. (2006). *A civilização feudal: Do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Editora Globo.

Carpenter, D. (2004). *The Struggle for Mastery: The Penguin History of Britain 1066-1284*. London: Penguin Books.

Field, R. (2005). The King Over the Water: Exile-and-Return Revisited. In Saunders, C. *Cultural Encounters in the Romance of Medieval England*. Woodbridge: University Press Cambridge.

Flori, J. (2006). Cavalaria. In Le Goff, J. & Schmitt, J-C. (coords.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, São Paulo: EDUSC, Vol. 1.

- Hayward, J. (1988). Hereward the Outlaw. *Journal of Medieval History*, Vol. 14.
- Lapidge, M., Blair, J., Keynes, S., Scragg, D. (2008). *The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Reichl, K. (2003). Comparative Notes on the Performance of Middle English Popular Romance. In *Western Folklore*, Vol. 62, No. 1/2, Models of Performance in Oral Epic, Ballad, and Song (Winter-Spring).
- Rex, P. (2010). *The English Resistance: the Underground War against the Normans*. Stroud: The History Press.
- Roffe, D. (1994). Hereward 'the Wake' and the Barony of Bourne: a Reassessment of a Fenland Legend. In *Lincsire History and Archaeology*, 29, 7-10.
- Saul, N. (2000). *The Oxford Illustrated History of Medieval England*. Oxford: Oxford University Press.
- Thomas, H. M. (1999). The *Gesta Herwardi*, the English, and their conquerors. In Harper-Bill, C. *Anglo-Norman Studies XXI*. Woodbridge: The Boydell Press.
- Wood, H. H. (2008). *The Battle of Hastings: The Fall of Anglo-Saxon England*. London: Atlantic Books.

Recebido: 31 de maio de 2013

Aprovado: 10 de julho de 2013